

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

BARBARA FERREIRA CARVALHO
JENIFFER APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA

GIFTED: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO

CURITIBA
2019

BARBARA FERREIRA CARVALHO
JENIFFER APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA

GIFTED: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo ao Centro Universitário Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Me. Patrick Diener

CURITIBA

2019

AGRADECIMENTOS BARBARA CARVALHO

Eu poderia começar estes agradecimentos me referindo a Deus, porém, com a experiência e conhecimento adquiridos ao longo dos anos, me sinto mais à vontade para agradecer a todos os deuses ou forças do universo por terem me ajudado a chegar onde estou hoje. Também, ressalto a importância dos programas sociais para a educação, como FIES e ProUni, pois, com eles, consegui ser a segunda pessoa na minha família a conquistar o ensino superior. E, claro, #EleNão.

Com toda certeza, o agradecimento mais especial vai para a minha família. Todo o meu amor e obrigado ao meu pai, Mauro Ferreira Carvalho, a âncora que possibilitou que hoje eu tenha um diploma. Minha mãe, Maria Inês Gonçalves Carvalho, que sempre teve as palavras mais doces e nunca me deixou desistir. Minha irmã, Beatriz Ferreira Carvalho, peça-chave para que eu estivesse em Curitiba e que compartilhou de toda a alegria e tristeza de perto. E claro, não podia deixar de fora minha sobrinha, Ana Elena Carvalho.

Gostaria de fazer uma ressalva aos que me apoiaram e ajudaram por mais de dois anos no projeto Nosso Rock que, com certeza, foi a parte mais gratificante do curso para mim, me abrindo as portas para o mundo do rádio e me proporcionando a certeza da carreira que quero seguir. E em especial o professor Mauri König, que me deu a chance de estagiar no Uninter Notícias, minha primeira experiência dentro do mundo do jornalismo.

Falando deste projeto, com certeza duas pessoas não podem faltar dentro dos agradecimentos. Jeniffer Oliveira, que compartilhou de todas a felicidade e angústia na produção deste documentário, e não só nele, mas também, durante estes quatro anos de faculdade, ultrapassando todos os obstáculos e estando aqui, hoje, de pé ao meu lado para a conclusão desta etapa. Patrick Diener, que gentilmente aceitou o convite para ser o nosso orientador e, durante um ano, nos guiou para o melhor produto que poderíamos fazer.

E claro, não podiam faltar os amigos, fundamentais para aguentar todo o peso destes anos. Um obrigado a todos os amigos que trilharam esse caminho e serão colegas de profissão. E tem uma amiga que não é jornalista, mas é um dos presentes que a faculdade me deu, Francielle Nascimento, que por mais que seja publicitária, sempre esteve ao meu lado, me apoiando completamente e sempre me ajudando. E Kelen Andressa, que infelizmente não vai concluir esta etapa conosco, mas que com certeza, é um dos personagens mais importantes desta história.

AGRADECIMENTOS JENIFFER OLIVEIRA

Primeiramente, #EleNão! Em segundo lugar, #LulaLivre. Acredito que faz sentido uma bolsista do ProUni, ex-beneficiária do Bolsa Família, começar assim os agradecimentos na conclusão de um curso superior, algo tão difícil de ser alcançado por alguém que vem de uma família humilde do interior e que precisa trabalhar para sobreviver enquanto estuda. Graças às políticas de governo no passado, casos como o meu não são tão raros. Infelizmente, é provável que eles se tornem cada vez mais escassos, devido a desvalorização da educação propagada pelo atual desgoverno.

Um dos meus primeiros agradecimentos vai a professora Lola, que me alfabetizou e, assim, permitiu que eu desenvolvesse uma grande paixão pelas palavras. Em seguida, agradeço ao Luan Rafael Domingos Santana por me ensinar que só quem sonha consegue alcançar e, referenciando Geraldo Eustáquio, que tentar algo e fracassar é pelo menos aprender, não fazer a tentativa é sofrer a inestimável perda do que poderia ter sido. Tais pensamentos sempre ecoaram em minha mente quando os desafios faziam acreditar que era mais fácil desistir.

A família é sempre a principal base na vida de qualquer pessoa e com a minha não foi diferente. Bem mais que um pilar, minha mãe, Antônia Terezinha da Silva de Oliveira; meu pai, Valdeci Moreira de Oliveira; minha irmã, Maria Alice da Silva Oliveira; e meu irmão, Wesley Aparecido da Silva de Oliveira; decidiram viver o meu sonho comigo e me ajudaram na luta para alcançá-lo. Além de serem uma ótima fonte de apoio, eles sempre foram a maior motivação para minhas conquistas.

Agradeço também aos amigos que sempre acreditaram em mim e estiveram presente nas etapas mais importantes da minha jornada até aqui, tais como Mayara da Silva Rodrigues, Graciele Santos, Kelen Andressa, Gabriel Souza, Évelyn Rodrigues e Helen Lima.

Por último e não menos importante, agradeço especialmente a Barbara Carvalho pela parceria desde o início do curso e que foi ainda maior nos últimos tempos. Durante o desenvolvimento deste projeto passei por um dos momentos mais complicados da minha vida e não consegui me dedicar tanto à algumas etapas, mas ela segurou a barra por nós duas. Quem vê essa baixinha de longe, não imagina o quanto ela é forte, nem o tanto de talento, garra e determinação que cabe nela.

RESUMO

O presente artigo apresenta todas as etapas do processo de produção de “GIFTED: um documentário sobre a superdotação”, produto desenvolvido pelas alunas Barbara Carvalho e Jeniffer Oliveira, sob orientação do professor Patrick Diener, como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter, deste o embasamento teórico até a descrição do produto.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; videodocumentário; superdotação; altas habilidades; educação especial.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	11
3 O VIDEODOCUMENTÁRIO	13
3.1 O DOCUMENTÁRIO NO BRASIL	16
3.2 DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO	17
4 A SUPERDOTAÇÃO	20
4.1 SUPERDOTAÇÃO OU ALTAS HABILIDADES?	22
4.2 ACADÊMICO X CRIATIVO-PRODUTIVO	23
4.3 O EQUÍVOCO DOS ESTEREÓTIPOS	24
5 O PRODUTO	28
5.1 PROPOSTA	28
5.2 PRODUÇÃO	30
5.3 PÓS PRODUÇÃO	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE	38

1 INTRODUÇÃO

A superdotação é caracterizada pelo alto desenvolvimento de algumas habilidades, sendo que o QI (Quociente de Inteligência) médio de um superdotado fica acima da média da população padrão¹. Segundo o psicólogo educacional americano Joseph Renzulli, existem duas categorias de superdotação/altas habilidades: a acadêmica e a produtiva-criativa, ambas podendo se manifestar em um mesmo indivíduo (RENZULLI, 2016).

Ainda de acordo com os estudos de Renzulli, por ter suas aptidões concentradas na área linguística ou lógico-matemática, a acadêmica é a mais fácil de ser identificada pelas avaliações tradicionais de QI ou outros testes de habilidades cognitivas. A segunda delas tem suas capacidades direcionadas à criatividade. O aluno, geralmente, é mais questionador, imaginativo e inventivo na resolução de problemas.

O psicólogo educacional americano também desenvolveu uma das bases para a identificação de pessoas com superdotação, conhecida como “os três anéis de Renzulli”, que correspondem à habilidade acima da média em alguma área do conhecimento (com relação aos pares da mesma idade e origem social e cultural); comprometimento com a tarefa (implica em motivação, vontade de realizar uma tarefa, perseverança e concentração) e criatividade (pensar em algo diferente, ver novos significados e implicações, retirar ideias de um contexto e usá-las em outro).

A pesquisa que contempla este artigo foi realizada como primeira etapa do trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Trata-se de um embasamento teórico que foi fundamental para que, na segunda etapa do TCC, conseguíssemos produzir um videodocumentário de quase 30 minutos sobre superdotação, também conhecida como altas habilidades.

Nós tivemos contato com o tema superdotação/altas habilidades quando realizamos uma reportagem para a disciplina de webjornalismo com esta pauta. A escolha deste assunto para o trabalho de conclusão de curso surgiu do interesse que

¹ O QI médio da população mundial está entre 85 a 115. O brasileiro tem uma média estimada em 87. Dados segundo reportagem do site Terra, disponível em <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/como-e-calculado-o-qi-veja-testes-que-buscam-medir-a-inteligencia,7dd95db27ca4d310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>, acesso em 18/11/2018.

esta experiência despertou. A partir disso, realizamos um levantamento de materiais desenvolvidos com este conteúdo, com a finalidade de identificar a lacuna de mercado que será preenchida com o projeto. O principal foco das pesquisas se manteve nas produções audiovisuais, pois quando selecionamos o que gostaríamos de abordar neste trabalho, percebemos que o tema poderia ser retratado em videodocumentário.

Todas as pesquisas foram realizadas em conteúdos produzidos e exibidos no Brasil. Na plataforma de vídeos via streaming Netflix existe uma seção dedicada a videodocumentários, porém, utilizando as palavras-chaves *superdotação* e *gifted* (superdotado em inglês) durante a procura, não foi encontrado algo que abordasse o tema.

Na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, foram utilizados como critério de busca dois aspectos principais: filtro de duração longo (+ de 20 min), pois pretende-se realizar um videodocumentário de média-metragem, e a utilização de combinação das palavras-chaves: *superdotação* e *Brasil*. Vários vídeos foram encontrados na busca realizada, mas a grande maioria estava no formato de reportagem ou entrevista, conforme quadro a seguir.

Quadro 1 – Conteúdo encontrado sobre superdotação no YouTube

Total de vídeos encontrados	43
Documentários	2
Programas de televisão/Reportagens	21
Entrevistas/Seminários/Palestras	13
Outros ²	5

Fonte: YouTube (2018). Tabela adaptada pelas autoras.

Esses resultados sinalizaram que a lacuna de mercado está atrelada tanto ao formato do produto quanto ao assunto abordado. É por isso que decidimos produzir um videodocumentário sobre a superdotação/altas habilidades. O objetivo geral foi produzir o videodocumentário para a conclusão do curso, mas também queremos aproveitar a oportunidade de promover e difundir o tema. Para o desenvolvimento do produto, seguimos os seguintes objetivos específicos: explorar as áreas do

² Vídeos caseiros que não se enquadram especificamente em nenhum gênero, onde aparecem pessoas falando sobre o assunto.

videodocumentário e sua relação com o jornalismo; abordar a dificuldade na identificação de um superdotado e, desta maneira, ajudar que pessoas com essa característica procurem a orientação correta e recebam o atendimento adequado; e mostrar as diferenças nos perfis dos superdotados acadêmicos e dos superdotados criativos-produtivos, deixando mais claro que tipo de pessoa se enquadra em cada categoria.

O tema escolhido para este trabalho tem forte ligação com o campo educacional e, de acordo com Paulo Freire (2015), a educação é a principal ferramenta de transformação social. Embora haja a ideia de homogeneização no ensino brasileiro, o autor defende que cada pessoa tem sua necessidade e aprende de uma maneira. Ciente disso, o departamento de Educação Especial da Secretaria de Educação de cada estado brasileiro se dedica ao atendimento de pessoas que não conseguem desenvolver seu aprendizado apenas com o ensino regular. Além de atender pessoas portadoras de algum tipo de deficiência, o setor também dá suporte para quem possui elevado desenvolvimento intelectual.

O departamento de Educação Especial realiza o atendimento de pessoas com superdotação, mas a dificuldade para identificar as características de um superdotado torna o trabalho mais difícil. De acordo com Siana Bueno (2017), algumas escolas resistem à identificação do superdotado porque ele não faz aquilo que acham que ele deveria fazer, como participar assiduamente das aulas, entregar todos os trabalhos etc. Bueno ainda afirma que várias pesquisas e relatos de profissionais apontam que alguns jovens abandonaram os estudos e até mesmo podem se tornar usuários de drogas, porque a escola não foi capaz de identificá-los como superdotados.

Devido a estes fatores, o desenvolvimento deste tema tornou-se relevante porque percebemos a necessidade de um aprofundamento sobre a dificuldade de identificação de um superdotado. Pensando em ampliar a difusão do assunto, escolhemos o formato de documentário em vídeo, primeiro porque, segundo Julio Bezerra (2008), tanto o jornalismo quanto o documentário buscam retratar um ponto da realidade e, segundo, porque o mesmo facilita a compreensão do público.

Ambos os campos colocam desde o início de suas histórias questões referentes a este real, à representação, à objetividade, à verdade da representação – apesar destes conceitos terem ganhado, em diversos momentos, conotações diversas. Com mais ou menos paixão, os muitos movimentos que pontuaram as respectivas tradições renovaram o desejo por uma aproximação cada vez mais fiel, ou honesta, ou contestadora, ou imaginativa, com a imagem da realidade (BEZERRA, 2008, p. 21).

Segundo Nilson Lage (2008, p. 23), “o repórter [...] tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante. Essa função é exatamente a definida como a de agente inteligente”. Ligado a essa função, o trabalho do jornalista exige apuração do assunto pautado. Da mesma maneira que é importante realizar uma investigação a respeito do tema antes de produzir uma reportagem, a produção de um videodocumentário também necessita de uma pesquisa prévia.

O trabalho conta com seis capítulos. Após este primeiro capítulo de introdução, o segundo relata quais foram os processos metodológicos que fundamentaram essa primeira parte do projeto. O terceiro capítulo descreve sobre o formato de produto escolhido, o videodocumentário. A definição do tema, as classificações e os mitos sobre superdotação são abordados no quarto capítulo. No quinto capítulo apresentamos o produto que foi desenvolvido. No último capítulo, com as considerações finais, enfatizamos a importância do embasamento teórico para o desenvolvimento do produto.

2 METODOLOGIA

Este trabalho, que resultou em um videodocumentário sobre a superdotação/altas habilidades, foi realizado inicialmente a partir de pesquisas bibliográficas e documentais, de acordo com os procedimentos técnicos de classificação de pesquisa. Dentro destas categorias de pesquisa, foi utilizada primeiramente a pesquisa bibliográfica. De acordo com Antonio Gil, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44).

Esse tipo de pesquisa trouxe embasamento para a contextualização sobre videodocumentário, abordando a história, apresentando as diferenças dos subgêneros, a história do documentário no Brasil e seus pontos de semelhança com o jornalismo. A pesquisa bibliográfica também foi utilizada para descrever o tema, a superdotação, contextualizando os esforços para definir a inteligência ao longo da história, esclarecendo mitos e verdades a respeito do assunto, mostrando as diferenças entre as categorias superdotado acadêmico e criativo-produtivo.

A pesquisa documental foi realizada pois existe conteúdo sobre a superdotação que é encontrado em ambientes que não são considerados de pesquisa bibliográfica, tais como sites e vídeos na internet, de onde conseguimos extrair, por exemplo, o número de superdotados no Brasil, a quantidade de vídeos que abordam o assunto e classificação de QI.

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (GIL, 2002, p. 45).

Com base nos objetivos a serem alcançados, este trabalho também foi desenvolvido por meio de pesquisa exploratória, que “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41).

Na segunda etapa do projeto, além de continuar utilizando as pesquisas bibliográficas, documentais e exploratórias, foram realizadas entrevistas com especialistas da área da superdotação, indivíduo superdotado e familiar. O objetivo

dessas entrevistas é utilizar a perspectiva de pessoas que têm contato com o assunto na prática para complementar o conteúdo teórico. As principais entrevistas foram desenvolvidas pessoalmente, mas realizamos contato prévio por telefone e por e-mail. “A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (GIL, 2008, p. 109).

De acordo com Cremilda Medina (1986), dentro do campo da comunicação coletiva, as modalidades de entrevistas se distinguem em dois grupos: entrevistas cujo objetivo é espetacularizar o ser humano; e entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-los.

O entrevistador busca bagagem informativa, põe sua curiosidade e espírito aberto a serviço de determinados conceitos que, reconhece, a fonte a ser entrevistada detém. O repórter no sentido mais amplo de sua função de intermediador na sociedade não é um especialista. É especializado, sim, na técnica de reportagem, na qual a entrevista ocupa espaço privilegiado. Vai procurar especialistas de várias correntes de informação e interpretação (MEDINA, 1986, p. 16-17).

De acordo com Jean Claude Kaufmann, dar voz a algum indivíduo ou a algum grupo, por meio da instigação do entrevistador, gera um movimento de autoconstrução e afirmação da realidade a ser retratada pelo depoimento. “São nas situações de maior intensidade, mas notadamente de maior naturalidade, na interação em campo que se revelam, as camadas mais profundas da verdade”. (KAUFMANN, 2013, p. 16).

Assim, de acordo com os grupos citados e especificidades, foi escolhido o gênero de *entrevista conceitual*, que se classifica dentro do grupo que busca compreender o ser humano em questão.

3 O VIDEODOCUMENTÁRIO

O nascimento do cinema, o ato de utilizar uma câmera ou uma base de gravação, no caso o filme de nitrocelulose de 35 mm, surgiu no século XVII, mais precisamente no ano de 1895. De acordo com Luiz Carlos Lucena (2012), as primeiras produções se iniciaram por meio dos irmãos Lumière, exibindo suas imagens neste mesmo ano no Café Paris, expondo cenas em movimento nas quais mostravam o cotidiano de pessoas, saindo do trabalho nas fábricas, por exemplo.

Segundo Roger Canals (2008, apud GOMES, 2017, p. 9), o documentário se caracteriza como um filme de não-ficção. O termo “documentário” vem de documento, dentro dessa lógica, o material seria uma espécie de “filme-documento”, que busca retratar uma realidade com neutralidade e objetividade. E também, quanto menos tiver a aparição e interferência do realizador sobre a realidade filmada, mais ele terá valor como um documentário.

É uma estrutura que o público comum está mais habituado a encontrar, por exemplo em documentários como os que podem encontrar no Discovery Channel. Normalmente apresentam um problema que estará em debate ao longo do filme com o objetivo de chegar a uma conclusão, confrontando geralmente vários lados da questão. Existe sempre um narrador, ou seja, uma “voz-off”⁶, que funciona de certa forma como moderador, mesmo que nem sempre seja imparcial. Essa voz-off, também serve para complementar as imagens que são visualizadas. É muito comum encontrar neste modo de documentário entrevistas em forma de debate, que vão defender um e outro lado da questão (GOMES, 2017, p. 9,10).

Conforme Lucena, o gênero que conhecemos hoje como videodocumental surgiu nos anos 1920 com os filmes de Robert Flaherty. Em sua terceira visita a uma comunidade de esquimós, na Baía de Hudson, Canadá, se encantou pela cultura do grupo dos Itvimutis e criou aquele que é considerado o primeiro filme do gênero documentário, *Nanook, o esquimó*, em 1922.

Com o passar dos anos e evolução dos equipamentos, a maneira de se produzir documentários foi se modificando e evoluindo de acordo com a época. Desde então existem tentativas de enquadrar os materiais de videodocumentário em categorias distintas. Mas, independentemente da categoria, o documentário está ligado a prática de mostrar recortes da realidade a ser retratada.

Os documentários acompanham intimamente as mudanças ocorridas na sociedade, não apenas registrando-as, mas também participando e sendo influenciados por elas. Em decorrência dessa proximidade com a “vida real” e das suas constantes transformações, a estrutura e o “modo de pensar” do documentário também se alteram constantemente. Isto impossibilita uma classificação objetiva, estável ou científica desse tipo de obra. No entanto as tentativas de definição, e de oposição ao cinema de ficção levantaram questões relevantes para este e para outros estudos sobre o gênero (HALLAK, 2009, p. 16,17).

Apesar desta ser uma estrutura mais comum, a definição de documentário é controversa devido a forma como o idealizador pode construir a história a ser retratada. De acordo com o crítico de cinema e teórico americano Bill Nichols (2005), os filmes construídos desta forma continuam a ser considerados documentários, pelo fato de não representarem uma realidade imaginária, mas uma representação imaginada da realidade do mundo histórico.

Ainda de acordo com Nichols, o documentário pode se encaixar em seis subgêneros, tanto para vídeo ou cinema, conforme quadro e explicações a seguir.

Quadro 2 – Gêneros de Documentário

Tipo	Descrição
<i>Poético</i>	Preocupa-se mais com a forma estética, maior liberdade experimental para quem o realiza.
<i>Expositivo</i>	Se delimita a uma forma informativa, preocupação com a argumentação.
<i>Observativo</i>	Tem a intenção de captar o real, sendo nula a participação do idealizador do vídeo.
<i>Participativo</i>	Conta a participação direta do idealizador com os sujeitos filmados.
<i>Reflexivo</i>	Se destina a uma reflexão do espectador quanto ao que está sendo exibido.
<i>Performático</i>	Visa atingir a dimensão emocional do espectador.

Fonte: Nichols (2005). Tabela adaptada pelas autoras.

O modo “poético” preocupa-se mais com a forma estética, dando assim, uma maior liberdade experimental para quem o realiza. É um modo que dá maior ênfase em estados como, de ânimo e euforia, por exemplo, do que a preocupação com a

persuasão, tendo assim, maior habilidade em demonstrar o conhecimento sobre aquilo que está sendo inserido no documentário de maneira alternativa.

O modo “expositivo” se delimita a uma forma informativa, com uma maior preocupação com a argumentação, onde tradicionalmente utilizam de vozes ou legendas para falar diretamente com telespectador, expondo assim suas ideias de forma direta. “O modo expositivo enfatiza a impressão de objetividade e argumento bem embasado” (NICHOLS, 2005, p. 144).

O modo “observativo” tem a intenção de captar o real, sendo nula a participação do idealizador do vídeo. Esse é um modo que evidencia a relação entre os atores sociais da maneira pura, onde o cineasta se coloca apenas na posição de observador, não interferindo nas ações de quem ou o que está sendo filmado. Dessa maneira, necessita de um papel mais ativo do espectador, no sentido dar maior ou menor importância para aquilo que foi está sendo feito.

O modo “participativo” conta a participação direta do idealizador com os sujeitos filmados, podendo dar uma ou mudar a naturalidade do conteúdo.

O documentário participativo dá-nos uma idéia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera. Os tipos de graus de alteração ajudam a definir variações dentro do modo participativo do documentário (NICHOLS, 2005, p. 153).

Esse tipo de documentário traz uma maior sensação de localização e interação entre cineasta e personagem, pois busca retratar a realidade de alguma sociedade, aumentando a variedade de assuntos que podem ser abordados.

O modo “reflexivo” se destina a uma reflexão do espectador quanto ao que está sendo exibido. Geralmente, buscam retratar o realismo, estimulando no telespectador uma maior noção de interação entre ele mesmo e o documentário e o que nele está sendo representado.

E por último, o modo “performático”, que visa atingir a dimensão emocional do espectador, é uma forma de produção que se aproxima do cinema experimental, utilizando de nuances expressivas, levando o telespectador a enxergar além das evidências visíveis no mundo.

3.1 O DOCUMENTÁRIO NO BRASIL

Em meio a viagens por descobertas de terras no século XIX, eram feitos registros dos povos e das culturas dos lugares explorados.

Equipamentos de gravação em cilindro de cera faziam parte da parafernália de pesquisa e guardavam os sons; as câmeras fotográficas, a partir de 1840, registravam a imagem e as câmeras cinematográficas aperfeiçoadas pelos irmãos Lumière captavam a imagem em movimento. Os primeiros filmes exibidos pelos Lumière numa sessão pública foram pequenos documentários que registravam “a vida como ela é”. O cinema desenvolveu-se como registro e como arte rapidamente, pelos diversos cantos do mundo (MONTE-MÓR, 2004, p. 97).

A história do documentário no Brasil se mescla com os estudos sobre as partes etnográficas. Os primeiros passos se deram quando as câmeras Lumière foram integradas ao trabalho de alguns fotógrafos. Após as décadas de 1910, as câmeras foram incorporadas ao material de trabalho de antropólogos, os quais registraram imagens de indígenas. Desta forma, os filmes etnográficos foram responsáveis por levar aos centros urbanos retratos de um Brasil imenso e desconhecido.

A responsável por iniciar as filmagens de populações que não viviam nos centros urbanos foi a comissão Rondon. Para realizar registros de população indígena, Rondon passou a dirigir as comissões telegráficas em 1907. A comissão Rondon foi muito importante tanto por dar início a essa prática de filmagem quanto pelos filmes realizados por ela, como *Os sertões de Mato Grosso* (1912), que mostra um Brasil de mata virgem e pitoresco; e *Rituais e festas Bororo*, filme em que destaca a crítica cinematográfica (MONTE-MÓR, 2004, p. 103-104).

A partir da década de 1960, as temáticas de povos indígenas e florestas dão lugar a modernidade e começam a mostrar uma temática que busca refletir sobre os grandes centros e as desigualdades sociais. O momento no Brasil propiciava um aumento no número de filmes que se voltam para o interior do País, voltando-se para temas como religião e cultura. “O documentário se fortalece como gênero influenciado pela linguagem do cinema verdade/direto, distanciando-se da abordagem educativa-cientificista” (GONÇALVES, 2006, p. 82).

Um dos momentos que também marca a história do documentário no Brasil é do Cinema Verdade/Direto³, que foi o primeiro momento de ruptura com o gênero

³ Estilo fundado por Jean Rouch no início da década de 1960.

griersoniano⁴. Isso quer dizer que a mudança foi feita com o ímpeto de que o documentário deve trabalhar com a verdade. Os equipamentos de filmagem também mudaram nesse momento de transição, começaram a ser utilizadas câmeras mais leves e o surgimento do gravador de som Nagra. A implementação do som direto ao documentário dá a oportunidade de ampliação de horizontes que eram negados aos documentários até então e dão início à era com entrevistas e depoimentos.

Uma das características desse movimento dentro do documentário é a ideia de não-intervenção, mostrar a total verdade sobre o que está sendo mostrado, como o próprio nome já diz.

Mais do que um estilo, portanto, o Cinema Verdade inaugura uma nova ética dentro do documentário, marcada pela noção de reflexividade. O contexto ideológico que cerca o surgimento do Cinema Direto/Verdade mostra, portanto, a confluência de um salto qualitativo tecnológico, acompanhado imediatamente de uma revolução estilística, que desemboca no estabelecimento de uma nova ética para o documentarista (RAMOS, 2004, p. 83).

No final da mesma década, a televisão se consolidou como importante veículo de massas no Brasil. Surgem experiências significativas na busca por formatos de documentários televisivos ou jornalismo investigativo.

No início da década de 1980, o Brasil passou por uma reorganização política da sociedade, momento em que surgiram diversos movimentos, entre eles a Associação Brasileira de Vídeo Popular (ABVP). O suporte de vídeo democratiza o acesso à produção de imagens e a expressão da diversidade nacional brasileira. Exemplo disso é a produção do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), com trabalhos produzidos a partir de longos anos de contato com algumas etnias no Norte do Brasil. Além da produção para TV a cabo, o documentário de longa-metragem chega novamente às salas de exibição no final dos anos 1990. A proliferação de filmes mostra a vitalidade do formato documental no cinema brasileiro contemporâneo (GONÇALVES, 2006).

3.2 DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO

As produções de um videodocumentário e de uma reportagem jornalística têm seus pontos de contato por, em certos casos, possuírem características ou a intenção

⁴ Gênero de documentário criado por Jonh Grierson baseado no movimento idealista.

de produzir um trabalho com elementos que mostrem aspectos de uma determinada realidade em forma de uma peça documental. São jeitos de trazer a realidade em forma de recorte visual, dentro de uma forma ética e, nas melhores das hipóteses, expressando-as de uma melhor maneira estética (BEZERRA, 2008). A relação entre documentário e jornalismo se cruzam a partir do momento em que ambos constroem narrativas para expor algo.

A notícia, como qualquer modalidade narrativa, revela uma série de formas literárias. A presença de recursos narrativos está em todas as partes. Mesmo os textos mais “duros” da editoria de economia, por exemplo, recorrem freqüentemente a variadas estratégias narrativas (BEZERRA, 2008, p. 23).

Considerando estes conceitos de narrativas, o jornalista se torna uma espécie de “contador de histórias”, onde o seu papel fundamental ultrapassa o de simples mediador da informação. Uma das modalidades de jornalismo que utiliza essa maneira de transmissão da informação é o jornalismo literário. Felipe Pena (2008, p. 13) afirma que esse gênero se destaca dentre as alternativas do jornalismo padrão, a partir de algumas características específicas, como:

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2008, p.13).

O jornalismo literário, com essas características, se aproxima do plano de conteúdo do gênero cinematográfico da não-ficção (documentário). Ele utiliza o recorte de um momento proposto pelo cinema, podendo assim expressar um ponto da realidade. Lembrando que “o vídeo é uma tecnologia sintomática que do papel público dado às imagens numa sociedade capitalista: ele registra aspectos da superfície da vida, adorna à medida que registra” (ARMES, 1999, p. 212).

Dentre as características que tornam o videodocumentário semelhante a uma reportagem jornalística, merecem destaque a apresentação do não-ficcional, que está presente em todas as categorias de videodocumentário, e a realização de entrevistas, que é comum em alguns subgêneros, tais como o modo expositivo e o modo participativo.

O gênero cinematográfico do documentário é o que mais se aproxima da reportagem jornalística de televisão pois não apresenta uma história fictícia, mas sim

recortes reais de uma determinada realidade, aproximando o telespectador da história que está sendo contada. “Enquanto o filme ficcional convencional extrai seu fascínio do modo de endereçamento indireto, que nos permite assistir sem serem vistos ou desafiados, o documentário mostra que o cinema também pode se dirigir a nós diretamente” (ARMES, 1999, p.162).

Da mesma forma em que uma reportagem jornalística realiza entrevistas para colher o conteúdo necessário e filtrá-lo para o telespectador, o videodocumentário (dependendo do gênero a ser filmado e produzido) também utiliza entrevistas para a idealização do filme, como é o caso do gênero de documentário expositivo. Um exemplo de entrevista comumente utilizada na reportagem jornalística que pode ser introduzida em um videodocumentário é a entrevista em profundidade, que “é uma entrevista que tem como objetivo a figura do entrevistado, relacionando aspectos de sua vida ou da atividade que ele desenvolve” (NETO, 2008, p.47).

Tanto na reportagem jornalística quanto em alguns subgêneros de videodocumentário, (como por exemplo o modo expositivo) o idealizador não é o principal foco, ou seja, o que mais importa é apresentar as ideias que ele pretende descrever ao público sobre o tema do que sua própria imagem. Dessa maneira, em um conteúdo de audiovisual, sua voz acaba tendo mais autoridade. “Os filmes desse modo adotam o comentário com voz de Deus (o orador é ouvido, mas jamais visto) [...] ou utilizam o comentário com voz da autoridade (o orador é ouvido e também é visto), como nos noticiários televisivos” (NICHOLS, 2005, p. 142).

4 A SUPERDOTAÇÃO

As definições atuais de superdotação são baseadas em uma longa história de estudos sobre as habilidades humanas. Já em 2200 a.C. um elaborado sistema de exames era usado na China para selecionar pessoas ilustres para ocupar posições governamentais (DUBOIS, 1970 *apud* RENZULLI, 2016).

Desde então, uma gama de acontecimentos relacionados a tentativa de medir a inteligência humana podem ser citados, mas um dos fatos que mais nos interessa é relativamente recente. Trata-se do primeiro teste de QI, desenvolvido no início do século XX pelo psicólogo francês Alfred Binet, que orienta o cálculo do QI de uma pessoa a partir da divisão de sua idade mental (identificada por meio de vários testes psicológicos específicos) pela sua idade cronológica, multiplicado o resultado por 100 (RENZULLI, 2016). Foi com esse primeiro passo de Binet que várias tabelas de classificação de inteligência foram desenvolvidas, como a de Davis Wechsler, que pode ser vista no quadro a seguir.

Quadro 3 – Classificação de QI por Davis Wechsler

Nível de QI	Característica
Abaixo de 20	Debilidade profunda. Pouco desempenho nas tarefas.
Entre 20 e 35	Debilidade severa. Realiza tarefas simples, mas requer supervisão.
Entre 36 e 50	Debilidade moderada. Realiza tarefas simples sem supervisão.
Entre 51 e 65	Debilidade ligeira. Realiza atividades simples e repetitivas.
Entre 66 e 80	Limítrofe. Consegue se desenvolver pouco nos estudos.
Entre 81 e 90	Embotamento ligeiro. Simplório, mas convive bem socialmente.
Entre 91 e 110	Inteligência média. Aqueles que se saem bem em seus estudos.

Entre 111 e 120	Inteligência acima da média. Média dos graduados em uma boa universidade.
Entre 121 e 127	Inteligência superior. Típico intelectual.
Acima de 127	Superdotação, habilidade apresentada em pessoas raras.

Fonte: Portal Educação (2018). Tabela adaptada pelas autoras.

Também é importante mencionar que, segundo censo escolar realizado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2016, o Brasil possui quase 16 mil estudantes com altas habilidades, mas devido à dificuldade para se identificar um superdotado, acredita-se que esse número seja ainda maior.

No Brasil, superdotação é ainda vista como um fenômeno raro e prova disso é o espanto e curiosidade diante de uma criança ou adolescente que tenha sido diagnosticado como superdotado. Observa-se que muitas são as ideias errôneas a seu respeito presentes no pensamento popular. Ignorância, preconceito e tradição mantêm viva uma série de idéias que interferem e dificultam uma educação que promova um melhor desenvolvimento do aluno com altas habilidades (ALENCAR, 2007, p. 15).

Apesar da dificuldade na identificação, a superdotação ganha espaço entre os profissionais envolvidos no ensino básico brasileiro. No Departamento de Educação Especial da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR), por exemplo, estudantes com superdotação/altas habilidades recebem orientações pedagógicas de acordo com as diretrizes legais da política do MEC. Segundo a chefe do Departamento de Educação Especial da SEED-PR, Siana do Carmo de Oliveira Franco Bueno, os profissionais da educação especial no Estado, ao longo de quatro anos, recebem orientação e participam de cursos que instruem a identificação de um aluno com altas habilidades na sala de aula.

Inicialmente, os professores levam essa identificação para a equipe pedagógica, que, por sua vez, conversa com a direção. Os professores das disciplinas passam a observar os estudantes e elaboram relatórios sobre o desenvolvimento deles. O próximo passo na escola é entrar em contato com o núcleo regional de educação na cidade, que possui as equipes de educação especial que podem validar essa identificação (BUENO, 2017).

4. 1 SUPERDOTAÇÃO OU ALTAS HABILIDADES?

De acordo com Maria Lúcia Prado Sabatella (2013), a palavra superdotação começou a ser utilizada para identificar indivíduos que se enquadravam em uma faixa superior da população em um teste de inteligência geral, mas muitas organizações e profissionais evitam esse termo porque ele sugere uma condição de elitismo. A autora também afirma que alguns professores resistem a identificação de um aluno como superdotado devido ao receio de menosprezar os que não possuem habilidades acima da média, ao mesmo tempo que também há educadores e instituições que usam a denominação sem medo, de forma simples, clara e precisa.

Atualmente, a legislação brasileira na área da educação especial adota a palavra superdotado para definir essa categoria de alunos com necessidades especiais, mas segundo Sabatella, ainda há muitas diferenças nos termos utilizados por especialistas brasileiros. A autora, inclusive, não vê a possibilidade de uniformizar essas denominações em um curto prazo.

Isso é facilmente explicado pela extensão do nosso país, pois o nosso vocabulário também tem um elenco de diferentes semânticas e sonoras, notadas nas diferentes regiões, que evidenciam a curiosidade, a diversidade e a riqueza de nossa cultura. O que devemos é apenas ter cuidado com a criação de neologismos, que virão dificultar o cruzamento como o referencial científico (SABATELLA, 2013, p. 69).

A autora ainda acrescenta que a tentativa de chegar a um consenso na nomenclatura também é uma preocupação em outros países, principalmente por causa da resistência aos termos superdotação ou superdotado, pois eles favorecem a ideia de que o indivíduo nessa condição possa ser superior em relação aos demais. A expressão altas habilidades, na visão de Sabatella, parece mais acessível e amena, pois tem sonoridade mais aceitável para educadores e pais.

A expressão altas habilidades, apresentada por alguns estudiosos brasileiros, tem origem no European Council for High Ability – ECHA (Conselho Europeu para Altas Habilidades), o qual agrega representantes de vários países, com grande diversidade de idiomas, e pode ser traduzida, com significado similar, para todos. Podemos, entretanto, verificar que, apesar de o título ser abrangente, nas publicações desse conselho e nos textos encontrados na sua página da internet, os termos superdotação (giftedness), superdotado

(gifted) e talentoso (talented) estão sempre presentes (SABATELLA, 2013, p. 70).

De acordo com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/1996) e com a resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE 02/2001), as palavras superdotado e superdotação reafirmam legalmente a denominação para todos os alunos que possuem QI acima da média. Desde então, muitas instituições que usavam apenas o termo altas habilidades ou altas habilidades/superdotação tiveram que começar a utilizar o termo legal.

4.2 ACADÊMICO X CRIATIVO-PRODUTIVO

Assim como ocorre com o conceito de inteligência, a definição de superdotação não é unitária. Além de existir vários tipos de inteligência, segundo Renzulli (2016), não existe uma forma ideal para medi-la. Ao longo da história vários esforços foram realizados para padronizar uma classificação unitária de inteligência, mas a dificuldade disso ressalta a problemática ainda maior de isolar uma única definição de superdotação. Dentre as diversas concepções existentes, o autor ressalta duas amplas categorias que têm sido bastante abordadas nas pesquisas da área, que dão origem aos perfis de superdotado acadêmico e criativo-produtivo.

A superdotação acadêmica, também conhecida como superdotação escolar, de testagem e da aprendizagem da lição, é facilmente medida por testes de habilidades cognitivas. Esse tipo de superdotação é frequentemente utilizada para selecionar alunos em programas especiais de ensino, pois as habilidades demonstradas nos testes de aptidão são exatamente dos tipos mais valorizados em situações tradicionais de aprendizagem escolar. As pesquisas mostram que alunos com alta pontuação nos testes também têm grande probabilidade de tirar boas notas da escola e que essa habilidade de se sair bem, tanto nos testes quanto nas lições, geralmente permanece estável ao longo do tempo (RENZULLI, 2016, p. 228).

Ainda de acordo com Renzulli, as pontuações nos testes de habilidades cognitivas colaboram apenas para uma limitada variação comum entre as notas escolares, por isso essas medidas não contam toda a história sobre o prognóstico da superdotação criativo-produtiva. Esse tipo de superdotação está ligado à necessidade de autodeterminação e competência que motiva as pessoas a buscar e conquistar desafios otimizados, que dependem do grau combinação entre estruturas internas de

uma pessoa e as demandas do seu ambiente. A superdotação criativo-produtiva é ligada ao desenvolvimento de pensamentos, soluções, materiais e produtos originais, desenvolvidos para impactar uma ou mais audiências.

[...] a história mostra que as pessoas criativas e produtivas do mundo foram produtoras, e não consumidoras, de conhecimento, reconstrutoras de pensamento em todas as áreas do esforço humano, reconhecidas como indivíduos “realmente superdotados”. A história não se lembra das pessoas que meramente obtiveram boas pontuações nos testes de QI ou daquelas que aprenderam bem as lições, mas não aplicaram seus conhecimentos de formas inovadoras e práticas (RENZULLI, 2016, p. 232).

Ainda de acordo com Renzulli (2016, p. 228), mesmo que existam várias definições de superdotação, as duas amplas categorias apresentadas neste tópico são apropriadas para que programas educacionais entendam como encorajar todos os superdotados e ofereça um atendimento adequado para cada um.

4.3 O EQUÍVOCO DOS ESTEREÓTIPOS

Segundo Sabatella (2013, p. 75), os superdotados não podem ser considerados como um grupo homogêneo, com características comuns. Esse grupo é extremamente heterogêneo, pois os componentes podem se destacar por diferentes capacidades, variando tanto na habilidade cognitiva como em atributos de personalidade e nível de desempenho. Apesar da amplitude na classificação, a tentativa de estabelecer um padrão acaba gerando estereótipos e pressuposições, que por sua vez, podem levar a ideias equivocadas sobre a superdotação. A seguir, apresentamos alguns dos principais pontos de equívocos:

- Mito 1: A superdotação é inteiramente inata

O senso comum leva a crer que a superdotação é uma característica inteiramente inata, mas essa afirmação ignora a grande influência de fatores externos no desenvolvimento das aptidões (Winner, 1998 apud Sabatella, 2013, p. 29).

- Mito 2: Superdotação é um fenômeno raro

Os superdotados podem estar por todas as partes, mas se as condições forem inadequadas o indivíduo com maior potencial dificilmente conseguirá desenvolvê-lo. O aluno com altas habilidades precisa de um ambiente favorável, estimulador e rico em experiências (Brasil, 2002 apud Sabatella, 2013, p. 35).

- Mito 3: Superdotados não precisam de atendimento especial

O sistema escolar brasileiro conta com instrumentos para auxiliar alunos que não conseguem atingir a média, como a recuperação e as aulas de reforço, mas não há uma preocupação em desafiar aqueles que possuem facilidade no aprendizado. A falta de atendimento especial pode causar desânimo, frustração e até desistência (Pérez, 2003 apud Sabatella, 2013, p. 67).

- Mito 4: Todos têm talentos e só dependem de estímulo

Essa concepção expressa o desejo de encontrar uma explicação que traga a ideia de igualdade. O estímulo cognitivo, normalmente indicado nos livros, pode melhorar o desempenho, mas não cria comportamentos de superdotação quando a criança não apresenta indicadores dessa condição (Pérez, 2003 apud Sabatella, 2013, p. 69).

- Mito 5: O atendimento especial é elitismo

Esse atendimento é a integração social de todos que precisam de serviços educacionais diferentes para atender necessidades especiais (Pérez, 2003 apud Sabatella, 2013, p. 72).

- Mito 6: Superdotação é sinônimo de genialidade

A primeira ideia associada a superdotação é de um indivíduo que alcança sucesso em tudo o que faz, o superdotado pode apresentar uma ou mais habilidades com traços superiores a média, em qualquer campo do saber ou fazer, mas não em todas as áreas. A principal diferença é que o gênio, além de possuir habilidades especiais, utiliza sua capacidade para alterar conceitos previamente estabelecidos, sendo reconhecido por dar uma contribuição original e de grande importância para a sociedade. Ou seja, nem todo superdotado é um gênio, mas todo gênio é um superdotado (Sabatella, 2013, p. 75).

- Mito 7: Superdotados são frágeis e gostam de isolamento social

O estereótipo do “nerd” ou “CDF”, geralmente representado pela figura de um aluno com óculos, raquítico, pálido e insociável, não se confirma na prática. As características físicas e de personalidade variam e são de ordem genética ou ambiental. O isolamento geralmente ocorre pela diferença do nível de conhecimento em relação aos demais, o aluno se afasta para evitar rótulos e apelidos (Pérez, 2003 apud Sabatella, 2013, p. 80).

- Mito 8: Não se deve dizer à criança que ela é diferente

Pais e professores têm receio em dizer ao aluno que é inteligente por acreditar que ele pode ficar convencido ou ser isolados dos colegas. No entanto, crianças superdotadas são mais atenciosas e percebem rapidamente sua diferença de interesses e resultados. Quando informadas sobre suas capacidades, ficam mais tolerantes e aceitam seus colegas de menor potencial (Sabatella, 2013, p. 96).

- Mito 9: Superdotados não precisam ser identificados

Certa vez o ex-presidente dos Estados Unidos, Thomas Jefferson, afirmou que não há nada mais desigual que o tratamento igual para diferentes pessoas, deixando claro que cada um deve ser atendido de acordo com suas necessidades. Os superdotados precisam ser identificados para que se conheçam as suas necessidades e, a partir disto, sejam realizadas estratégias pedagógicas para um atendimento adequado (Pérez, 2003 apud Sabatella, 2013, p. 111).

- Mito 10: Superdotados são resultados de pais muito cuidadosos

Muitas pessoas culpam os pais por se concentrarem demais nos resultados dos filhos e não os deixar ter uma infância normal, mas nos relatos das famílias com crianças superdotadas observa-se uma influência de sentido contrário. A criança superdotada passa muito rápido por fases de desenvolvimento e “força” a família a se envolver nesse processo de avanço para oferecer um ambiente estimulante e evitar a frustração (Pérez, 2003 apud Sabatella, 2013, p. 113).

- Mito 11: Superdotados sempre têm bons resultados escolares

Indivíduos superdotados podem apresentar rendimento diferente do seu potencial, mostrando divergência entre habilidade e desempenho real. Muitas vezes isso acontece porque o aluno pode ficar desmotivado com o método de ensino aplicado em aula (Sabatella, 2013, p. 121).

- Mito 12: Número de superdotados não é expressivo

A Organização Mundial da Saúde estima que o número de superdotados na população seja de 3,5% a 5% (Pérez, 2003 apud Sabatella, 2013, p. 133). Em uma simples comparação, mesmo considerando o menor percentual indicado pela OMS, o número de superdotados no mundo (cerca de 266 milhões) ultrapassaria a população brasileira (aproximadamente 209 milhões). Seguindo esse critério, teríamos mais de sete milhões de superdotados no País.

- Mito 13: Superdotados não precisam de oportunidades especiais

Em países desenvolvidos e com boa qualidade de ensino, o superdotado encontra estímulos e pode desenvolver suas habilidades na escola. No Brasil, a luta ainda é pela melhor qualidade de ensino para todos, buscando a consolidação no processo de inclusão (Pérez, 2003 apud Sabatella, 2013, p. 176).

- Mito 14: Superdotados desenvolvem seu potencial sem precisar de ajuda

É um engano pensar que o superdotado possa desenvolver suas habilidades sozinho, sem nenhuma intervenção pedagógica. Alunos com altas habilidades precisam de experiências de aprendizagem variadas e enriquecedoras para estimular seu potencial (Brasil, 2002 apud Sabatella, 2013, p. 184).

- Mito 15: Superdotados não devem ser separados em grupo

Alguns consideram que o agrupamento de superdotados seja prejudicial por incentivar a segregação, mas é uma tendência natural do ser humano se agrupar e interagir com seus semelhantes. Por isso, dar oportunidade para que os superdotados convivam com seus iguais e desenvolvam atividades que respeitem as características de cada um é extremamente importante para o autoconhecimento, a autovalorização e a construção da identidade (Pérez, 2003 apud Sabatella, 2013, p. 197).

5 O PRODUTO

5.1 PROPOSTA

De acordo com as classificações de Bill Nichols sobre os gêneros de documentário, a proposta foi realizar um videodocumentário expositivo⁵, pois a maior preocupação das idealizadoras foi dar ênfase ao que os personagens que foram selecionados tinham a dizer. Como previsto no projeto, no decorrer da produção o documentário também agregou características de outras subcategorias, como por exemplo o subgênero participativo, pois uma das autoras aparece fazendo narrações.

Foi planejado desenvolver um filme de média-metragem com duração de 30 minutos, algo bem próximo do resultado. Além de considerar os recursos das integrantes e o material já disponível sobre o tema, este tempo foi estipulado para deixar o assunto mais sucinto. Acreditamos que o média-metragem é tempo suficiente para abordar os principais pontos do tema. Pensamos em não fazer um longa-metragem porque também consideramos o fato de a equipe ser reduzida e, principalmente, porque estamos produzindo um documentário pela primeira vez.

Desde o início, a equipe pretendia trazer informações sobre o assunto se concentrando no aspecto emocional, relatando fatores que impactam a vida das pessoas que possuem superdotação.

No começo do filme pretendemos apresentar o relato de algum familiar sobre as características que despertaram sua atenção quanto ao personagem principal com a superdotação. Começar o filme desta maneira tem como objetivo ajudar a entender sobre o perfil e características de uma pessoa que possa ter a superdotação. Segue uma abertura com o nome do videodocumentário. Pretendemos construir o filme a partir da história de um personagem principal, intercalando com outras histórias de superdotados e falas de especialistas no assunto.

Uma das preocupações da edição será a transição de um personagem para outro de forma que tenha ligação sobre o que ambos falam. Por exemplo, quando o familiar relatar que procurou algum profissional da superdotação, será o momento ideal para intercalar com a fala de um especialista.

⁵ Classificação apresentada no capítulo 3.

Entre alguns dos especialistas da área que pretendíamos entrevistar já estavam Denise Maria de Matos Pereira Lima, responsável pela área de superdotação/altas habilidades do Departamento de Educação Especial da Secretaria de Educação do Paraná, e Maria Lúcia Prado Sabatella, delegada do Brasil no Conselho Mundial para Crianças Superdotadas e Talentosas (WCGTC)⁶ desde 1997, sócia-fundadora do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD)⁷, fundadora e presidente do Instituto para Otimização da Aprendizagem (Inodap)⁸.

As gravações serão realizadas nos ambientes que fazem parte do contexto de cada entrevistado, para que o que está sendo mostrado faça sentido com o que está sendo relatado. Serão utilizados os materiais e equipamentos disponibilizados pela universidade, tais como câmeras filmadoras e microfones.

Quadro 4 – Escaleta prévia do produto

Cena 1	Familiar de um protagonista aparece descrevendo quais características chamaram atenção e fizeram que ele procurasse algum especialista na área de superdotação.
Cena 2	Vinheta de introdução com o título do videodocumentário.
Cena 3	Protagonista aparece contando como foi quando a família decidiu levá-lo em um especialista.
Cena 4	Especialista detalhando como é realizado o atendimento às famílias.
Cena 5	Imagem de crianças realizando os testes com narração explicando como são realizados.
Cena 6	Familiar contando sobre o momento em que o teste confirmou a superdotação e explicando quais medidas foram tomadas após o resultado.
Cena 7	Protagonista conta como passou a ser sua rotina após a confirmação, principalmente na área acadêmica.

⁶ Site <https://www.world-gifted.org/>

⁷ Site [http://conbrasd.org/wp./](http://conbrasd.org/wp/)

⁸ Site <http://www.inodap.org.br/>

Cena 8	Imagem de uma sala de aula com especialista narrando sobre as diretrizes curriculares que são aplicadas no ensino de uma pessoa superdotada.
Cena 9	Superdotado que teve identificação tardia relata dificuldades enfrentadas no seu dia a dia.
Cena 10	Especialista fala sobre as dificuldades na identificação da superdotação e quais as consequências que podem acontecer para quem não recebe o atendimento adequado.
Cena 11	Familiar do protagonista falando sobre o atendimento adequado.
Cena 12	Representante da Secretaria de Educação do Paraná explicando como está a situação das escolas em relação ao atendimento dos superdotados.
Cena 13	Professor falando como é atender um aluno superdotado.
Cena 14	Protagonista fala sobre mitos e verdades sobre superdotação.
Cena 15	Créditos
Cena 16	Pós-créditos com contatos das organizações dedicadas à superdotação.

5.2 PRÉ PRODUÇÃO

Após a conclusão do artigo, as idealizadoras partiram para a realização da parte prática deste produto. O primeiro passo foi entrar em contato com as pessoas que fariam parte do projeto, concedendo as entrevistas. Este contato foi realizado via WhatsApp e e-mail, marcando hora e local para as entrevistas.

Todos os depoimentos foram colhidos somente com equipamentos disponibilizados pela faculdade, sendo eles: uma câmera Sony Hxr-nx5r Nxcam, uma câmera Nikon D3100, microfones de lapela URX-P03 E UTX B03, dois tripés, dois cartões de memória, um de 16GB e outro de 32GB, baterias e pilhas específicas de cada equipamento.

A primeira entrevista foi realizada com a diretora do instituto Inodap, Maria Lúcia Prado Sabatella, no dia 16 de maio de 2019 às 14h00, no próprio Inodap. A entrevista foi concebida na biblioteca do local e foram captadas algumas imagens do ambiente geral para complementar o vídeo. Ambas idealizadoras deste produto se deslocaram até o local, utilizando Uber como transporte.

Logo após, foi realizada entrevista com a coordenadora do setor de educação especial e responsável pela área de superdotação, da Secretaria de Estado e Educação, Denise Pereira Lima, no dia 17 de maio de 2019 às 10h00, na Secretaria de Estado e Educação. Esta entrevista foi realizada em uma sala separada no local. Também foram captadas imagens dos demais funcionários do setor para serem utilizadas na finalização do vídeo. Para o deslocamento até o local, as idealizadoras utilizaram Uber e ônibus como transporte.

O terceiro depoimento foi coletado na cidade de Itapoá - SC, no dia 19 de maio de 2019. Neste dia, quem concedeu a entrevista foi Josele Seixas Terra, mãe de dois superdotados. As idealizadoras deste produto se deslocaram até o local de carro. Na ocasião, foram coletadas imagens de algumas fotos de seus filhos para incluir no vídeo.

Por último, foi realizada entrevista com João Victor Cardoso, superdotado que serviu como personagem principal. A coleta das informações foi realizada no dia 25 de maio de 2019 às 14h00, na praça da Espanha, em Curitiba - PR.

Antes das entrevistas foram elaboradas perguntas (conforme apresentado a seguir) para direcionar o assunto, a fim de contribuir para o resultado final do videodocumentário.

Perguntas elaboradas para João Victor Cardoso (superdotado):

1. Como foi quando você descobriu que era superdotado. O que sentiu?
2. Você sabia o que era superdotação?
3. O que mudou após o resultado que confirmou a superdotação?
4. Quantos anos tinha quando descobriu que era um superdotado?
5. Como era na escola antes do diagnóstico? Sentia algum tipo de dificuldade?

Perguntas elaboradas para Josele Seixas Terra (mãe de superdotados):

1. Quando percebeu que seu filho tinha algo diferente?
2. Poderia explicar como foi que você suspeitou da superdotação?
3. Quais sinais ele (o superdotado) apresentava?

4. O que você sentiu quando recebeu o resultado que confirmava a superdotação? Você sabia o que era superdotação?
5. Quais medidas foram tomadas após o resultado?
6. Como foi a adaptação da família após o diagnóstico? Tiveram muitas mudanças na rotina?
7. Como que o diagnóstico e o atendimento adequado transformou a rotina da família?

Perguntas elaboradas para Maria Lúcia Prado Sabatella e Denise Pereira Lima (especialistas em superdotação):

1. Como é realizado o teste para diagnosticar a superdotação?
2. Quem quiser realizar o teste, como deve proceder?
3. Ainda existem muitas dificuldades para identificar um superdotado? Explique.
4. O que a falta de um atendimento adequado pode causar?
5. Existem diretrizes direcionadas aos alunos superdotados? Quais são?
6. O ensino público está preparado para atender a essa demanda?
7. Existe muita dificuldade na identificação de um aluno superdotado no ensino público?
8. Quais os desafios de atender um aluno superdotado?

Também foram realizadas locuções para inserções no vídeo final e pesquisa de imagens que ilustrassem essas locuções, a fim de dar mais veemência ao assunto retratado no videodocumentário.

5.3 PÓS PRODUÇÃO

Com as imagens e áudios necessários, começou o processo de edição do produto. A primeira etapa foi destilar o material a fim de coletar as informações com maior importância para o produto final. Com isso, algumas falas foram descartadas. A edição foi realizada com o programa Premiere da Adobe. A letra utilizada no vídeo foi a Nexa Bold.

Os primeiros cortes resultaram em vídeo de 45 minutos, com isso, mais algumas falas foram eliminadas para resultar em produto de 28 minutos, um pouco a menos da

proposta inicial deste artigo. Foram utilizadas imagens da câmera principal Sony, e da câmera secundária Nikon, a fim de dar mais movimento ao vídeo.

O documentário se inicia com uma mini abertura, contendo dados como o nome da universidade, cidade de realização e nome das autoras do produto. Logo após a primeira fala entra a abertura, com um fundo preto e letras brancas com o título do documentário “GIFTED: um documentário sobre a Superdotação”.

Além das imagens das câmeras, foram utilizadas locuções explicando e contando fatos sobre a superdotação e, para ilustrá-las, foram utilizadas imagens e vídeos do site Pixabay, imagens da internet e de arquivo pessoal, realizadas pelas idealizadoras do documentário.

Ao final, coloca-se novamente o nome do documentário e os créditos. Neles constam direção e produção, de Barbara Carvalho e Jeniffer Oliveira, professor orientador, Patrick Diener, imagens, Barbara Carvalho e Jeniffer Oliveira, roteiro, edição e locução, Barbara Carvalho, e reportagem, Jeniffer Oliveira. Ainda, os depoimentos de Josele Seixas Terra, João Victor Cardoso, Maria Lúcia Prado Sabatella e Denise Pereira Lima.

Na área de agradecimento, foram colocadas menções ao instituto Inodap e a Secretaria de Estado de Educação, pois foram locais que nos permitiram gravar e colher as imagens, e também a Arthur Neves, amigo que contribuiu na edição.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do jornalista pressupõe investigação prévia do assunto que será retratado. Independente do produto desenvolvido a partir da atividade jornalística, é necessário que o profissional pesquise sobre o tema. Afinal, um jornalista não pode falar sobre aquilo que não conhece, nem tão pouco trazer informações significativas se não compreender o que as tornam relevantes. O estudo teórico sobre determinado tema se faz extremamente importante nesse sentido, pois é necessário saber quais os aspectos dele têm maior representatividade para a construção de uma peça noticiosa.

No entanto, devido a fatores como tempo, espaço e pressão do ambiente de trabalho, nem sempre é possível se dedicar tanto a essa fase de apuração. Por outro lado, quando se trata de uma grande reportagem, que geralmente possui maiores recursos, o jornalista tem a oportunidade de se dedicar mais as pesquisas. Quanto maior for o objetivo de se aprofundar no tema, maior é a necessidade de dominar o conhecimento teórico da área que será explorada na reportagem.

Na produção de documentários a pesquisa prévia também é extremamente importante, pois condensar assuntos em limites de tempo é um grande desafio. Entender o que é mais relevante para ser utilizado no desenvolvimento do produto exige um conhecimento amplo sobre o tema, o que só é possível por meio de muito estudo.

Neste sentido, o embasamento teórico apresentando neste artigo tornou-se fundamental para o desenvolvimento do videodocumentário, tanto para conhecer a história e fundamentos do formato quanto para poder falar com mais propriedade sobre o assunto.

O tema escolhido para este trabalho tem forte ligação com o campo educacional brasileiro, uma área que merece muita atenção, pois precisa ser aperfeiçoada urgentemente. Afinal, o Brasil está entre os países com pior qualidade de ensino. No ranking⁹ que avalia a qualidade na educação do projeto The Learning Curve, por exemplo, o Brasil aparece em penúltima posição entre os 40 países pesquisados. E se há dificuldades para a educação de uma forma geral, os alunos

⁹O ranking, que pertence à Pearson International, é elaborado a partir dos resultados de três testes internacionais, aplicados a alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental.

que não são atendidos pelos padrões básicos de ensino podem ser ainda mais prejudicados. Nossa intenção foi dar voz a esses alunos.

Desde o início, o desenvolvimento deste trabalho mostrou-se relevante porque percebemos a necessidade de um aprofundamento sobre a dificuldade de identificação de um superdotado. No entanto, a necessidade de um trabalho como esse se tornou ainda mais clara quando enfrentamos a dificuldade para desenvolver a parte prática. O principal desafio foi encontrar personagens com superdotação que se sentissem à vontade para falar sobre sua experiência. O estigma com relação a superlotação ainda é muito forte e impede que os próprios supersuperdotados encarem o assunto com naturalidade.

Desta maneira, percebemos que aquilo que é diferente do padrão, mesmo que seja mais elevado do que a média, não é visto com bons olhos e dificilmente é aceito. Essa rejeição pode ser explicada pela ideia de homogeneização de públicos tão intrínseca em nossa sociedade. Por tanto, o produto desenvolvido apresenta, em segundo plano, uma reflexão sobre a importância de conhecer o diferente e apreender a maneira correta de lidar com ele.

Os superdotados formam um grupo extremamente heterogêneo em relação as habilidades, personalidades e níveis de desempenho. Apesar da amplitude na classificação, a tentativa de estabelecer um padrão acaba gerando estereótipos e pressuposições, que por sua vez, podem levar a ideias equivocadas sobre a superdotação. O documentário busca romper essas barreiras e levar a representação mais fidedigna possível sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação: Clarificando Conceitos, Desfazendo Ideias Errôneas. In FLEITH, Denise de Souza. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.
- ARMES, Roy. **On Video**: o significado do vídeo nos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1999.
- BEZERRA, Julio Carlos. **Documentário e Jornalismo**: Proposta para uma Cartografia Plural. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BUENO, Siana do Carmo de Oliveira Franco. **Entrevista concedida às autoras**. 2017.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- _____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, José Fábio Santos. **A relação paradoxal entre o documentário e o filme etnográfico**: os casos inovadores de Jean Rouch e Chris Marker. Lisboa: IPL, Escola Superior de Comunicação Social, 2017. Dissertação de mestrado.
- GONÇALVES, Gustavo Soranz. **Panorama do documentário no Brasil**. 2006. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Panorama+do+document%C3%A1rio+no+Brasil&btnG=>>. Acesso em 08/10/2018.
- HALLAK, André. **O documentário perfurado**: um estudo sobre as possibilidades de abertura e expansão do filme/videodocumentário. Dissertação de mestrado – Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.
- LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**: conceito, linguagem e prática de produção. 2012. Disponível em <<https://bv4.digitalpages.com.br/#/edicao/epub/42209>>. Acesso em: 25/09/2018.
- MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário, cinema e documentário: apontamentos para um diálogo entre as áreas**. Revista Comunicação Midiática, v. 7, n. 2, maio/ago. 2012, p.98-116. Disponível em:

<<http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/issue/view/12>>. Acesso em 02/10/2018.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista - O diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1986.

MONTE-MÓR, Patrícia. Tendências do documentário etnográfico. In: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil**. São Paulo: Summus, 2004.

NETO, João Elias da Cruz. **Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis: Vozes, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto: 2006.

PORTAL EDUCAÇÃO. **QI - Quociente de inteligência**. (S/A). Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/qi-quociente-de-inteligencia/36722>> Acesso em 09/10/2018.

RAMOS, Fernão Pessoa. Cinema Verdade no Brasil. In: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil**. São Paulo: Summus, 2004.

RENZULLI, Jeseoph S. A concepção de superdotação no modelo dos três anéis: Um modelo de desenvolvimento para a promoção da produtividade criativa. In: KONKIEWITZ, Elisabete Castelon; VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidades/ superdotação, inteligência e criatividade: Uma visão multidisciplinar**. Campinas: Papyrus, 2016.

SABATELLA, Maria Lúcia Prado. **Talento e superdotação: problema ou solução?** Curitiba: InterSaberes, 2013.

APÊNDICE

Roteiro GIFTED: Um documentário sobre a Superdotação.

VÍDEO	ÁUDIO
<p>CRÉDITOS INICIAIS CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER CURITIBA, 2019</p> <p>Um filme de BARBARA CARVALHO E JENIFFER OLIVEIRA</p>	
<p>CENA 1 O vídeo começa com depoimento do personagem principal do documentário, João Victor em uma praça</p>	<p>ÁUDIO 1 Houveram alguns problemas no ensino fundamental [...] eu quero continuar minha vida sozinho.</p>
<p>ABERTURA GIFTED: Um documentário sobre a Superdotação</p>	
<p>CENA 2 Imagem e fala da coordenadora do setor de educação especial da Secretaria Estadual de Educação Denise Pereira Lima, em uma sala no SEED</p>	<p>ÁUDIO 2 Fazer a identificação de um superdotado [...] demanda muita cautela, cuidado e conhecimento.</p>
<p>CENA 3 Imagens de aluno escrevendo no quadro, crianças escrevendo, desenho de uma pessoa e um ponto de interrogação, escala de QI, Alfred Binet e Albert Stein</p>	<p>ÁUDIO 3 A superdotação é caracterizada pelo alto desenvolvimento [...] um superdotado pode apresentar facilmente um QI acima de 127 pontos.</p>
<p>CENA 4 Imagem e fala da diretora do instituto Inodap Maria Lúcia Prado Sabatella em uma biblioteca que fica no instituto Inodap</p>	<p>ÁUDIO 4 A gente vê muito facilmente [...] nessa fase a gente vê uma grande precocidade.</p>
<p>CENA 5 Fala e imagem Denise</p>	<p>ÁUDIO 5 As crianças de um modo geral, elas têm um tempo previsto [...] ela vai demonstrar uma compreensão das coisas muito cedo.</p>
<p>CENA 6 Fala e imagem João Victor</p>	<p>ÁUDIO 6</p>

	Eu conheci o que é superdotação em 2005 [...] eu acabei sendo acelerado no meio do ano.
CENA 7 Fala e imagem Maria Lucia	ÁUDIO 7 São certos traços características [...] inteligências predominantes dessa pessoa.
CENA 8 Imagem de uma pessoa fazendo cálculo, Joseph Renzulli, imagem anéis de Renzulli, imagens criança e adolescente estudando, criança pintando, imagem jogo de xadrez	ÁUDIO 8 Existem alguns comportamentos que são estudados [...] que diferenciam uma pessoa com superdotação das outras.
CENA 9 Fala e imagem Maria Lúcia	ÁUDIO 9 Hoje a gente vê [...] ela funciona diferente.
CENA 10 Fala e imagem Denise	ÁUDIO 10 Um teste de Wisk, por exemplo, [...] isso não é avaliado por meio de teste.
CENA 11 Fala e imagem João Victor	ÁUDIO 11 Bom, assim, na questão das matérias [...] melhorar, é saber crescer.
CENA 12 Fala e imagem Maria Lucia	ÁUDIO 12 Às vezes não tem muita vontade de interagir socialmente [...] pessoas com quem eu tenho uma similaridade de pensamento.
CENA 13 Fala e imagem João Victor	ÁUDIO 13 Então as vezes fica essa confusão [...] então esse trato é bem difícil de fazer.
CENA 14 Imagens livros Inodap, criança realizando atividade na escola, pessoa tocando percussão, pessoa tocando violão	ÁUDIO 14 A palavra superdotação começou a ser utilizada para identificar [...] materiais e produtos originais, desenvolvidos para impactar uma ou mais audiências.
CENA 15 Imagem e fala João Victor	ÁUDIO 15 Minha mãe foi levando isso muito bem [...] algum favoritismo com isso ou não.

<p>CENA 16 Imagem e fala Maria Lúcia</p>	<p>ÁUDIO 16 O que a gente precisa, justamente, é dar a possibilidade [...] o que ele já venceu desses desafios acadêmicos.</p>
<p>CENA 17 Imagem e fala Denise</p>	<p>ÁUDIO 17 Hoje nós defendemos que esse estudante [...] para que ele se desenvolva dentro da sua potencialidade e da sua necessidade.</p>
<p>CENA 18 Imagem e fala João Victor</p>	<p>ÁUDIO 18 O que às vezes, alguns problemas, algumas confusões [...] várias pessoas acabam sendo superdotadas nessas áreas que a escola não foi capaz de suprir.</p>
<p>CENA 19 Imagem e fala Denise</p>	<p>ÁUDIO 19 Às vezes uma informação “ah, o estudante é muito distraído” [...] vai ficar distraído, vai ficar desatento.</p>
<p>CENA 20 Imagem de famosos superdotados Arnold Swarchenegger, Sharon Stone, Quentin Tarantino, Matt Damon, Ashton Kutcher, Bill Gates, Chico Buarque e Jô Soares, imagens Inodap</p>	<p>CENA 20 Muitos famosos possuem o QI acima da média da população [...] a fim de evitar danos quanto a aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo.</p>
<p>CENA 21 Imagem e fala João Victor</p>	<p>ÁUDIO 21 Imensa maioria dos professores não tinha tato [...] era só mais um.</p>
<p>CENA 22 Imagem e fala Maria Lúcia</p>	<p>ÁUDIO 22 Ela precisa do atendimento diferente [...] pela falta de ter o atendimento adequado.</p>
<p>CENA 23 Imagem e fala Denise</p>	<p>ÁUDIO 23 Quando o estudante não é atendido dentro das suas necessidades [...] precisa de um atendimento educacional especializado.</p>
<p>CENA 24 Imagem e fala João Victor</p>	<p>ÁUDIO 24 Concordo que se eu tivesse tido um bom tratamento [...] muito mais do que eu tenho hoje.</p>
<p>CENA 25</p>	<p>ÁUDIO 25</p>

Imagem e fala Denise	Nós tivemos no ano de 2018 [...] e no atendimento educacional especializado.
CENA 26 Imagem e fala João Victor	ÁUDIO 26 Diria que o mais importante é o acompanhamento contínuo [...] que se construa boas relações sociais.
CENA 27 Imagens menino montando cubo mágico, pessoa desenhando, mulher ajudando menino na tarefa escolar	ÁUDIO 27 Muitos estereótipos se colocam em cima da superdotação [...] compreendido quanto a sua singularidade.
CENA 28 Imagem e fala Maria Lúcia	ÁUDIO 28 Ainda há muita dificuldade [...] tem muito medo de dizer que o filho é inteligente.
CENA 29 Imagem e fala João Victor	ÁUDIO 29 Muitas famílias mesmo [...] forma mais rica, mais plena possível.
CENA 30 Imagem de transição, ondas, cidade Itapoá, Santa Catarina	ÁUDIO 30 Barulho do mar.
CENA 31 Imagem e fala Josele Seixas Terra, praia	ÁUDIO 31 Começou, ele foi para a escola já alfabetizado [...] que a gente tem que se adaptar, que a gente tem que conhecer.
CENA 32 Imagens do setor de educação da Secretaria Estadual de Educação	ÁUDIO 32 O atendimento ao superdotado pode ser realizado [...] atendimento aos alunos que se sobrepõe a média.
CENA 33 Imagem e fala Denise	ÁUDIO 33 O atendimento educacional especializado [...] enriquecimento no ensino comum.
CENA 34 Imagem e fala João Victor	ÁUDIO 34 Mas algumas características da para serem observadas [...] é uma desconfiança que você pode ter.
CENA 35 Imagem e fala Maria Lúcia	ÁUDIO 35

	Se a gente entende que ele funciona assim [...] a escola seja um pouco mais favorável.
CENA 36 Imagem e fala Denise	ÁUDIO 36 Quando uma família [...] e fazer a investigação.
CENA 37 Imagens pessoas caminhando e pessoa escrevendo	ÁUDIO 37 De acordo com dados da OMS (organização mundial da saúde) [...] cerca de 10 milhões de pessoas, são superdotadas.
CENA 38 Imagem e fala João Victor	ÁUDIO 38 As pessoas, elas tem essa questão [...] e não é bem assim.
CENA 39 Imagem e fala Maria Lúcia	ÁUDIO 39 Eu incluo os alunos dentro da classe comum [...] desse atendimento que a criança precisa.
CENA 40 Imagem e fala Denise	ÁUDIO 40 O Brasil, ele tem uma cultura [...] invisibilidade do estudante superdotado.
CENA 41 Imagem e fala João Victor	ÁUDIO 41 Até porque também não tem muito curso [...] maximize o seu conhecimento, sua aprendizagem.
CENA 42 Imagem e fala Maria Lúcia	ÁUDIO 42 Ele diz assim que [...] uma bagagem para a pessoa seguir dali para frente.
CENA 43 Imagem e fala Denise	ÁUDIO 43 Investir na capacidade do ser humano [...] que hoje nós não temos.
CENA 44 Imagem e fala Josele	ÁUDIO 44 Porque você aprimora, quando você conhece [...] é diferente a forma de como você tratá-los.
CENA 45 Imagem e fala João Victor	ÁUDIO 45 Depende da forma de como [...] e na verdade não é.
ENCERRAMENTO	

<p>GIFTED: Um documentário sobre a Superdotação</p>	
<p>CRÉDITOS Direção e Produção BARBARA CARVALHO E JENIFFER OLIVEIRA</p> <p>Professor Orientador PATRICK DIENER</p> <p>Roteiro, Edição e Locução BARBARA CARVALHO</p> <p>Reportagem JENIFFER OLIVEIRA</p> <p>Imagens BARBARA CARVALHO E JENIFFER OLIVEIRA</p> <p>Depoimentos JOSELE SEIXAS TERRA JOÃO VICTOR CARDOSO MARIA LÚCIA PRADO SABATELLA DENISE MARIA DE MATOS PEREIRA LIMA</p> <p>Agradecimentos INSTITUTO INODAP SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO ARTHUR NEVES</p>	